

É MUITO NATURAL

*Mara Narciso

A moça negra e nada bonita, diria mesmo ser feia, está uniformizada com calça e blusão azul, de tecido grosso, e vem varrendo e depois passando o pano no chão do corredor da repartição pública. Não é vista por quem passa, pois há muito se determinou que as pessoas escuras fazendo serviços humildes estão no lugar que lhes cabe, e são naturalmente invisíveis. Não se deve desobedecer a essa determinação. O jeito de fazer a limpeza não chama a atenção. O balde de um lado e o aviso de piso molhado do outro são um incômodo pequeno para quem passa no local.

Os cabelos encaracolados cor-de-mel e os incríveis olhos azuis da moça de uniforme cor-de-rosa e touca branca na cabeça chamam a atenção. Bonita, jovem e alta, ela também usa um avental branco e tem na mão esquerda uma esponja com sabão. Está limpando a janela do térreo do hospital, e pode ser vista fácil e detalhadamente da rua. Está concentrada em seu trabalho, e nem vê quem a observa. Parado, o pedestre se pergunta sobre o que teria levado uma mulher com aquela estampa não encontrar algo melhor para fazer.

Uma mulher com múltiplas deficiências estava exercitando-se na piscina. Junto com a fisioterapeuta, sendo jovem e bela, provocou o seguinte comentário de uma pessoa do lado de fora: “tão bonita e tão nova, ela não merecia sofrer desse jeito”. Conclusão: caso fosse feia mereceria, sem dúvida!

É comum ouvirmos coisas semelhantes ligando beleza, infelicidade e injustiça. Analisemos a cegueira de Andrea Bocelli: tão lindo e cantando tão bem, é chocante saber que ele não enxerga. Quem nunca tiver pensando assim, no quanto é natural associar o belo com bom, e o feio com ruim, que atire não uma, mas todas as pedras.

*Mara Narciso é médica endocrinologista, acadêmica do oitavo período de jornalismo e autora do livro “Segurando a Hiperatividade” – 27 de fevereiro de 2010